

O TRABALHO ENTRE A VIDA E A MORTE

Norval Baitello Junior*

Resumo

As raízes etimológicas das palavras que designam o trabalho trazem o registro de seu valor degradante. As sociedades modernas tiveram como sua primeira tarefa o culto ao trabalho como atividade enobrecedora. Para tanto, lançaram mão dos recursos eficazes da codificação do tempo entre a vida e a morte. O trabalho confere o sentido a este tempo, constituindo a atividade tradutora desta atividade em valores culturais.

Palavras-chave

Trabalho; trabalho como tradução de valores culturais; trabalho do sonho; trabalho do luto.

Abstract

The degrading nature of work is illustrated by the etymological origins of its cognates in different languages. The exaltation of this activity as an ennobling one was the first task of modern societies. To achieve this, they drew on the resources offered by the dual codification of the period between life and death. Work gives meaning to this period. It endows it with significance, which is derived from the transformation of experiences into cultural values.

Key-words

Work; work as cultural values; work of dreams; work of mourning.

*Unselige Gespenster! so behandelt ihr
Das menschliche Geschlecht zu tausend Malen;
Gleichgültige Tage selbst verwandelt ihr
In geistiger Wirrwarr netzumstrickter Qualen.
J. W. Goethe, Faust II*

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP e Diretor da Faculdade de Comunicação e Filosofia, PUC-SP.

(*Cruéis fantasmas, eis como tratais
As míseras humanas criaturas;
Até a hora cotidiana transformais
Em malha horrenda de fatais torturas.*)
Trad. de Jenny Klabin Segall

Transpor, transportar, transformar, traduzir

Sob a denominação de *Traumarbeit*, trabalho do sonho, Sigmund Freud enxerga os procedimentos codificadores das imagens oníricas, dos seus conteúdos e de suas transformações.¹ O trabalho do sonho, para Freud, constitui-se nas quatro etapas: trabalho de condensação (*Verdichtungsarbeit*), trabalho de deslocamento (*Verschiebungsarbeit*), consideração à figurabilidade (*Rücksicht auf Darstellbarkeit*) e elaboração secundária (*sekundäre Bearbeitung*). O conceito de “trabalho” é aplicado aqui pelo mestre vienense em um sentido aparentemente contraditório, pois o sonho, como o sono e o tempo do repouso foram codificados muito cedo na escala do chamado processo civilizatório, por nossos antepassados, como pólos diametralmente opostos ao trabalho (embora valorados de maneira variante de época para época, de cultura para cultura).

O trabalho, visto como atividade produtiva, se opõe ao sonho, atividade mental divagativa e, sobretudo, fora do controle da vontade. Nem o próprio sonhador pode determinar o que vai, quer ou deve sonhar, não tem controle sobre seus próprios sonhos. Estaria Freud aparentemente cometendo um excesso ao forjar a expressão “trabalho do sonho”, se nem trabalho é sonho e muito menos sonho é trabalho?

A razão estará seguramente ao lado do pioneiro descobridor do trabalho psíquico de construção da linguagem do sonho por meio de processos complexos de significação e operações tradutoras (que dão sempre muito trabalho). Foi o próprio Freud que usou a palavra “tradução” (*Übersetzung*) inúmeras vezes, para designar a transformação de imagens e conteúdos, para indicar sua codificação em uma outra linguagem. Transpor conteúdos, como transportar massas e pesos, ou transformar objetos ou signos, símbolos, textos, relações, teores, valores, constituem a essência do esforço humano. A este esforço damos o nome de trabalho. Poderíamos dizer que a essência do trabalho se resume ao prefixo “trans”, cuja natureza se compõe no espaço e no tempo, portanto, na junção entre dois diferentes.

¹ Cf. Freud, S. *Die Traumdeutung*. Studienausgabe, v. II. Frankfurt/Main, Fischer, [1900], 1982, p. 280.

Ainda em Freud, o outro grande trabalho, evocado em sua obra, o “trabalho do luto” (*Trauerarbeit*), presente em seu *Trauer und Melancholie*, de 1915, também pode ser compreendido como o espaço da passagem entre o objeto perdido e o estar vivo. Novamente, trata-se de uma operação retradutora do eu. Em face da morte do outro, o indivíduo é levado a transportar-se para um outro espaço (simbólico e afetivo) que não o do morto, mas também não o que era o seu próprio, é obrigado a deslocar-se simbolicamente, a mudar-se. Mais uma vez, estaremos diante de uma operação que custa o esforço de deslocamento dos conteúdos e das imagens, porque somos colocados em meio a um percurso e diante de uma decisão entre a vida e a morte. Talvez seja esta a mais profunda e abrangente noção de trabalho, porque opera com a grande e fundamental dualidade vida e morte; e porque situa o trabalho como a ação (material ou simbólica) superadora desta grande cisão. Assim a alma de todo trabalho é sempre uma de/cisão.

Entre a vida e a morte

A conceituação de trabalho como passagem, trânsito, não fica por aí. Karl Marx o define como “processo entre homem e natureza”. Mais uma vez, aí temos a preposição “entre”, designando não apenas o espaço ou o tempo intermediário, mas também a operação tradutora e a ação decisória que compele à não-permanência na incômoda posição de passagem.

Charles Darwin lança mão da expressão “*struggle for life*”, luta pela vida, para definir a atividade laboral presente em todas as espécies animais do planeta. Explícitamente agonística, a definição de Darwin coloca todos os seres vivos também no desconfortável espaço do perigo, do qual devemos fugir pela ação, vale dizer, pelo movimento, pela trans/posição de espaços e tempos situados entre a vida e a morte, ou seja, pelo trabalho. A expressão usada por Darwin é ainda mais dramática quando nos damos conta que é a morte o outro pólo implícito (e, ao mesmo tempo, totalmente transparente) em sua visão do trabalho compulsivo da vida. Em Marx, embora não visível a um primeiro olhar, também a operação transformadora entre homem e natureza contém uma ameaça oculta que conduz, em sua instância mais profunda, à morte (eufemisticamente representada aqui pela natureza).

Até mesmo o conceito mais abstrato, o da Física, que considera que trabalho é produto de uma força multiplicada por um deslocamento, pressupõe o movimento entre dois pontos.

“Tradução é uma forma” (Walter Benjamin)

A idéia de processo, de trans/formação, de passagem e trans/substanciação, trânsito, tradução (inclusive em Marx) são recorrentes nos diversos conceitos de trabalho. O que deixa também patente que há um ponto de partida e um ponto de chegada, dividindo os processos em dois pólos, em duas metades, em duas partes, em suma, ordenando-os, codificando-os em base dual. Talvez tenhamos aí uma das chaves para a geração do complexo texto da cultura chamado “trabalho”, cujo traço principal é tentar unir os pólos que a cultura humana gerou.

Depreende-se que o trabalho é colocado como a atividade que busca solucionar a codificação (e percepção) dual do mundo (e da vida). As raízes da codificação dual que ordenam o imaginário e a cultura humanos, investigadas pela Semiótica da Cultura, têm sido comprovadas reiteradamente na investigação dos antigos registros de pinturas rupestres e inscrições paleolíticas sobre suportes diversos. As tentativas de decodificação desses trabalhos levaram André Leroi-Gourhan² à descoberta das bases duais de seus códigos.

Na trilha de Leroi-Gourhan, seguiram os semioticistas V.V. Ivanov³ e I. Bystrina⁴, concluindo que a codificação de base, a mais arcaica, dos sistemas culturais humanos é a codificação de base dual. Sobre ela e depois dela desenvolvem-se outros sistemas mais complexos. No entanto, sua essência permanece na base dos códigos e textos culturais de todos os tempos, uma vez que os mecanismos da memória da cultura são cumulativos e não substitutivos.

A dura labuta como resposta

A etimologia das diversas palavras que designam a atividade laboral é inequívoca. Verdadeiras tragédias estão estampadas nas histórias das palavras designativas do tra-

2 Leroi-Gourhan, A. *As religiões da pré-história*. Lisboa, Edições 70, 1985.

3 Ivanov, V. V. *Gerade und Ungerade*. Stuttgart, Hirzel, 1983.

4 Bystrina, I. *Semiotik der Kultur*. Tübingen, Stauffenburg, 1989.

balho. Em alemão *Arbeit* vem do antigo germânico, com o significado de sofrimento dos órfãos, herança dos órfãos. Em latim, alguns dos significados de *labor* são: desgraça, desventura, infelicidade, doença, dor física, fadiga, esforço cansativo. Nas neolatinas, com *trabalho*, *travail*, *trabajo*, tem uma origem ainda mais drástica: vem de *tripalium* uma ferramenta de tortura.

Mas não apenas nas línguas está estampada a natureza punitiva do trabalho. Também nos mitos gregos e nos judaico-cristãos ocorre o mesmo. O trabalho é o castigo pelo pecado original ou então pela transgressão de alguma proibição ou limite. Prometeu, Sísifo, Adão e Eva são alguns exemplos. Dietmar Kamper chama a atenção para a inversão de valores que a sociedade burguesa teve de promover para justificar o culto ao trabalho como atividade enobrecedora, geradora de riqueza, ao contrário da tradição que reservava o trabalho aos escravos ou aos artesãos.⁵

Se nos perguntamos de onde procede essa associação entre trabalho e dor, de que raízes profundas nasce a conotação negativa, presente na história de maneira inquestionável, deparamo-nos com a questão crucial do traço cultural da dualidade e seu movimento polarizador. A operação codificadora na cultura humana é a operação de base para a geração dos textos culturais, os quais, por sua vez são os veículos da história, os registros mais profundos da memória cultural do homem. Assim, o princípio construtivo de um código nunca é uma mera formalidade, uma mera operação de lógica formal, mas sempre uma estratégia profundamente impregnada de sentidos, de valores interpretativos que se constroem na história filogenética e se repetem na história ontogenética do homem. Portanto, toda e qualquer operação codificadora estará impregnada de história. Desta forma, a codificação dual, binária, está associada a teores simbólicos de separação, de distância (portanto carência), partida, etc. Trata-se de significados primordialmente negativos, os quais o homem precisa superar por sua ação. E esta ação é o seu trabalho, material ou simbólico. Por isso a tarefa de unir, de aproximar, de criar caminhos entre dois pólos, trazer, traduzir, de/cidir.

Referências bibliográficas

Benjamin, W. (1980) "Die Aufgabe des Übersetzers". *Gesammelte Schriften*. Band IV.1. Frankfurt/Main, Suhrkamp.

5 Kamper, Dietmar. *O trabalho como vida*. São Paulo, Annablume, 1997.

- Bystrina, I. (1989). *Semiotik der Kultur*. Tübingen, Stauffenburg.
- Faria, E. (1967). *Dicionário Escolar Latino — Português*. Brasília, Ministério da Educação e Cultura.
- Freud, S. [1900] (1982). *Die Traumdeutung*. Studienausgabe Vol II. Frankfurt/Main, Fischer.
- Goethe, J. W. [1832] (1977). *Faust. Der Tragödie zweiter Teil*. Stuttgart, Württembergische Staatstheater.
- _____. (1981). *Fausto*. Tradução de Jenny Klabin Segall. B. Horizonte/ São Paulo, Itatiaia/ Edusp.
- Ivanov, V. V. (1983). *Gerade und Ungerade*. Stuttgart, Hirzel.
- Kamper, Dietmar (1997). *O trabalho como vida*. São Paulo, Annablume.
- Leroi-Gourhan, A. (1985). *As religiões da pré-história*. Lisboa, Edições 70.
- Mackensen, L. (1966). *Reclams Etymologisches Wörterbuch der Deutschen Sprache*. Stuttgart, Reclam.